

A história da *Revista Vida Capichaba* sob a ótica do design gráfico

The history of magazine Vida Capichaba focused on graphic design

Dutra, Thiago Luiz; Graduando; Universidade Federal do Espírito Santo
thiogomanauara@gmail.com

Paiva, Rayza Mucunã; Graduanda; Universidade Federal do Espírito Santo
rayzamucuna@gmail.com

Fonseca, Letícia Pedruzzi; PhD; Universidade Federal do Espírito Santo
lepedruce@gmail.com

Pacheco, Heliana Soneghet; PhD; Universidade Federal do Espírito Santo
helianapac@gmail.com

Resumo

A Revista *Vida Capichaba* (RVC) constitui, ao longo de seus mais de 34 anos de existência, um denso legado histórico-cultural. Para a área do design gráfico, é uma fonte inesgotável de recursos visuais que oferecem abundância de informações implícitas em tipografias, formatos, fotografias, ilustrações, estrutura e composição, entre outros. Realizando o levantamento desses elementos, o Núcleo de Identidade Gráfica Capixaba (Nigráfica) analisou, entre 2009 e 2010, cerca de 111 exemplares para delinear, de forma pioneira, o comportamento gráfico dessa publicação, agregando suas características estéticas ao seu valor histórico e cultural e assim contribuindo para a preservação da memória gráfica capixaba e brasileira.

Palavras-chave: Revista *Vida Capichaba*; Memória Gráfica Brasileira; Nigráfica.

Abstract

The magazine Vida Capichaba owns a dense historical-cultural legacy in its over 34 years of existence. In the graphic design area it is an endless source of visual resources that offer a myriad of implicit information such as type, shapes, photographs, illustrations, structure and composition among others. To track these elements the Núcleo de Identidade Gráfica Capixaba (Nigrafica) analysed about 111 numbers of the magazine in order to understand the graphical variations of the editions by adding its aesthetic to its cultural historical value, thus contributing to the preservation of capixaba and Brazilian's graphical memory.

Keywords: Magazine *Vida Capichaba*; Brazilian graphic memory; Nigrafica.

Introdução

O importante papel assumido pelo design no mundo contemporâneo revela que o arquivamento, estudo e divulgação da produção gráfica, desde seus primórdios, podem ajudar a entender como as diversas estratégias para alcançar as utopias de um contexto temporal e produtivo de uma sociedade institucionalizada são projetadas no mundo material e vice-versa¹. Rafael Cardoso² considera que nos meios de comunicação impressos tais estratégias aparecem codificadas, ao afirmar que “qualquer revista nas bancas expressa significados bem mais sofisticados que ‘abre-se da direita para a esquerda’ ou ‘esta manchete reporta-se àquela fotografia’”. Sendo considerado um registro ímpar da cultura do estado e sua capital por muitos pesquisadores, a Revista *Vida Capichaba* (RVC) faz parte desse universo.

Um desses pesquisadores, Renato Pacheco, também colaborador da RVC em sua fase final, é autor de um material inédito encontrado no setor de Coleções Especiais da Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), intitulado *Publicações Literárias (ou quase)*, onde são encontradas anotações valiosas sobre a RVC. Tais anotações, combinadas a pesquisas, entrevistas e à análise gráfica dos exemplares feita pelo Núcleo de Identidade Gráfica Capixaba (Nigrafica - Ufes), forneceram a base para a articulação das possíveis relações entre o comportamento gráfico do impresso e seu contexto histórico. Estimá-lo como uma narrativa visual e material construída a partir da composição de suas páginas, tipografias, ilustrações e cores utilizadas, entre outras escolhas estéticas e projetuais, possibilita a aplicação de um método para interpretação social a partir da ótica do design.

Em suma, esse artigo propõe o mapeamento do comportamento gráfico da RVC como fator norteador na interpretação de sua existência.

A Revista *Vida Capichaba*, um panorama geral

Estruturalmente, as edições da RVC utilizavam dois tipos diferentes de papel no miolo encadernado com grampo canoa: um poroso e amarelado e outro acetinado e alvo. No caderno de papel poroso estava a maioria dos anúncios, seções acompanhadas de vinhetas e maior quantidade de texto. O caderno de folhas acetinadas, encartado dentro do caderno de papel poroso, abrigava conteúdos de maior destaque, poesias, menções honrosas e fotografias de membros da sociedade, festividades e bailes. Essa organização estrutural do miolo pode ser observada em outras revistas brasileiras da década de 1920, como *O Malho* e *Para Todos...* (SOBRAL, 2006). Em comparação a essa última, é possível ainda notar uma forma semelhante de utilização da imagem feminina em capas, fotografias, vinhetas e ornamentos, bem como a veiculação de certos conteúdos relacionados a esse universo, que podem levar à suposição equivocada de que a RVC seria destinada apenas ao público feminino.

De maneira geral, a RVC veiculava matérias informativas e textos literários, publicados através da colaboração de diversos intelectuais, normalmente identificados por pseudônimos. Principalmente devido à precariedade dos meios de comunicação da época, conteúdos de teor noticioso e factual são escassos, apesar do notável esforço para cobrir acontecimentos sociais e políticos fora da capital.



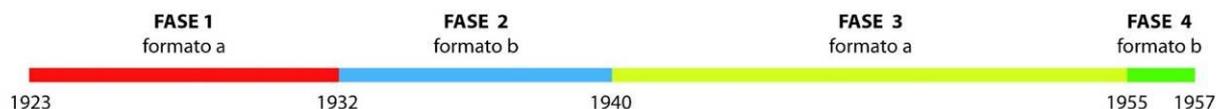
Figura 1: Capas das edições 86 (1927), 263 (1931) e 309 (1932), respectivamente.

A RVC era impressa tipograficamente e seus clichês encomendados na Casa Vianna de Antônio Sepulveda, no Rio de Janeiro. A primeira clicheteria do Espírito Santo só surgiu em 1952 e até então algumas seções de cunho noticioso da revista eram publicadas com atraso, como as de carnaval que assumiram o título “Ecos do carnaval” por tal motivo.

O faturamento da revista provinha especialmente da circulação de anúncios publicitários, que chegavam a ocupar o rodapé das páginas, assumiam a segunda, terceira e quarta capas em anúncios de página inteira e multiplicavam-se nas edições de natal. “Pimenta colocava as mãos na cabeça sempre que as despesas com clichês ultrapassavam as receitas da própria revista, compensadas com serviços gráficos variados” (PACHECO, [s.d.], p.358).

Em vias de organizar de forma clara e didática as diversas variações gráficas sofridas pelo impresso (na amostragem de 111 exemplares), observou-se que as mudanças no formato, por serem as mais drásticas e mais comumente relacionadas a variações administrativas, são excelentes pontos de referência para a classificação da história da RVC em fases.

Comportamento gráfico da RVC ao longo dos anos classificado em fases:



Formatos:



Figura 2

1ª Fase (1923-1931)

Impressa em 1923 na tipografia da Imprensa Estadual do Espírito Santo, com tiragem de 1000 exemplares em “formato a” (figura 4), a primeira edição da RVC - subscrita “Revista Quinzenal Ilustrada” em seu expediente, custava 500 réis por unidade. Seus textos eram geralmente diagramados em três colunas, o que permitia “maior flexibilidade na inserção de imagens e anúncios [...] com uso de entrelinha mais justa em proporção ao tamanho da fonte, prevalece o uso do corpo 9/8,5” (Paiva *et al.*, 2011, p.25). O uso de ornamentos, fios e grafismos é recorrente, separando colunas e blocos de texto, ornando poesias acompanhadas por belas ilustrações. As seções da RVC eram anunciadas por vinhetas, resultantes do arranjo entre letras desenhadas e ilustrações e impressas através de clichê, que variavam periodicamente tornando a *revista* graficamente dinâmica.



Figura 3: Exemplos de vinhetas que abriam as seções da revista na década de 1920.

Segundo o historiador e jornalista Elmo Elton (1982), vários membros da classe intelectual do Estado contribuíram com a *revista*, remetendo poesias que eram compostas com zelo e destaque, estimulando a produção de páginas cada vez melhores.

Outra característica recorrente é a temática das ilustrações, em diferentes estilos e técnicas, impressas por litogravura ou clichê, que estampavam as capas das edições de carnaval e remetiam à imagem do pierrô, colombina e arlequim, personagens da *Commedia Dell'Arte*⁴. O caráter improvisado de suas apresentações pode ter inspirado certa associação aos bloquinhos de carnaval brasileiros, também vista em outras revistas de mesmo cunho como a supracitada *Para Todos...*, do Rio de Janeiro (SOBRAL, 2002).



Figura 4: Capas das edições 62 (1926), 162 (1929), 216 (1930).

Outro destaque desta fase é uma sofisticada coleção de oito capas com cores especiais em tons metálicos, compostas através de um mesmo clichê, provavelmente para viabilizar financeiramente o uso das tintas diferenciadas.

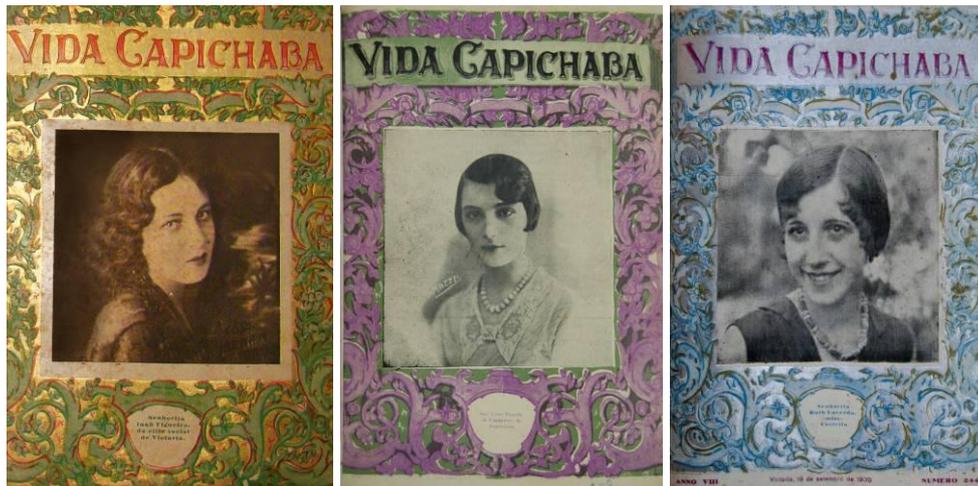


Figura 5: Capas das edições 221 (1930), 233 (1930) e 244 (1931), respectivamente.

O alto custo dos clichês dobra o preço da segunda edição, lançada em maio de 1923. Após a terceira edição a RVC deixa de circular por dois meses, também por motivos financeiros, retornando apenas em agosto do mesmo ano.

No quarto número - que representa a estabilização do impresso - Manoel Lopes Pimenta, com Elpídio Pimentel na redação, assume a direção da RVC, cargo que ocuparia por 32 anos. Pimenta costumeiramente recorria a amigos para que colaborassem com a revista, sem receber qualquer tipo de pagamento. “Com tão pobre instrumental a revista venceu, galhardamente, os anos, graças, repetimos, ao *fair play* de Manoel Lopes Pimenta” (PACHECO, [s.d.], p. 356).

Em 1927 a RVC instala-se na Avenida Capixaba, no centro de Vitória, ocupando um prédio triangular - hoje Museu de Arte do Espírito Santo. Na parte frontal do prédio existiam três cômodos, dois desses utilizados por Pedrolino Siqueira e João da Cruz⁵ para compor as ramas de tipos móveis utilizadas na impressora plana que ficava no vértice do prédio e era operada por Luiz Gorassi, às voltas com acertos de páginas. No terceiro compartimento funcionava a sala de direção e redação (PACHECO, [s.d.]; BARRETO, 2007). No ano seguinte, a RVC deixa de ser quinzenal, circulando semanalmente às quintas-feiras, agora subscrita “Revista Moderna Ilustrada”. “Não fora a obstinação de Pimenta e não tivesse ele gráfica própria, impossível à *Vida Capichaba*, no meio acanhado e provinciano de Vitória, acompanhar suas congêneres: *O Malho*, *A Careta*, *Fon-Fon*, *A Cigarra*, *Jornal das Moças*, *Vida Doméstica*” (PACHECO, [s.d.], p.355).



Figura 6: Segunda capa e editorial da edição 129 (1928).

A partir de 1929 a queda nas exportações nacionais de café e o impacto do *crash* econômico dos Estados Unidos repercutem diretamente no setor agrícola da economia estadual (MOTA; BRAICK, 1997). Tais acontecimentos podem justificar o aumento no volume de anúncios publicitários vistos nas páginas da RVC, possivelmente relacionados à diversificação do setor terciário frente à crise. Neste mesmo ano, a RVC toma a iniciativa de cobrir com maior ênfase as notícias de outros municípios do Espírito Santo.

Nessa época o *grid* da RVC sofre a primeira mudança: “a diagramação básica passa a ser em duas colunas separadas por ornamentos [...] o texto básico se torna corpo 9/11. Esse aumento na entrelinha em relação ao corpo da fonte provia à mancha gráfica mais leveza e legibilidade” (PAIVA *et al.*, 2011, p. 25)



Figura 7: Páginas (em papel jornal) da edição 207 (1929).

Apesar de afirmar-se desvinculada de interesses políticos, a maior edição da RVC vista durante a análise gráfica é a de número 233, em 1930, que consiste em uma intensa propaganda política do governo estadual de Aristeu Borges de Aguiar, através de um notável

financiamento, que possibilitou o uso de papéis sofisticados, cores especiais e utilização massiva de fotografias. Essa edição é a única em que há ocorrência de um pôster fotográfico encartado como uma de suas 144 páginas (a quantidade padrão varia entre 24 e 54 páginas). Porém a asserção de uma imagem firme do Estado não condizia com os efeitos da crise de 1929, que se agravavam cada vez mais, enquanto Aristeu e sua equipe “pareciam não crer na evidência dos fatos” e não demonstravam “compreensão suficiente da dimensão da crise econômica, nem tão pouco do significado das lutas políticas que estavam eclodindo no Brasil” (SILVA, 1995, p. 117). Unindo-se à crise agrícola no estado, a tensa disputa entre Júlio Prestes e Getúlio Vargas pela presidência impele Pimenta - partidário da Aliança Liberal e portanto contrário ao governo de Aristeu e à eleição Prestes - a transferir seu cargo para Elpídio Pimentel, afastando-se da direção da revista em abril de 1930 (PACHECO, [s.d.]).



Figura 8: Páginas da edição 233 (1930).

Em outubro deste mesmo ano, a Revolução Getulista põe fim à República Velha e Vargas assume a presidência. No Espírito Santo, o Capitão Purano Bley assume o governo como Interventor e Pimenta retorna à direção da revista escrevendo aos leitores que “em razão de simpatias que não podia calar pela grande causa hoje, felizmente triunfante, o que lhe valeu incorrer no desagrado da situação decaída” (PACHECO, [s.d.], 355).

Em dezembro de 1930, Manoel Teixeira Leite⁶ assume o cargo de redator-chefe e a estrutura da revista é modificada, indicando uma possível consequência da revolução getulista. Por exemplo, os dados sobre o exemplar e o editorial, antes na primeira página da

edição, passam a estar na primeira página do caderno acetinado. Essas e outras decisões vão configurar a segunda fase da revista, que começa em 1932.

Logo na edição seguinte, no carnaval de 1931, nota-se a ausência de cabeçalho e expediente, indicando um período de reestruturação do corpo de redatores e colaboradores da RVC. Assim, as heranças da Revolução de 1930 dão o tom da nova fase que surgiria, na qual a revista procura afastar-se de discursos políticos, diante da rígida fiscalização e censura do governo de Vargas, refugiando-se em temas ligados ao lazer, comportamento e cotidiano.

2ª Fase (1932-1939)

O ano de 1932 é especialmente importante por marcar a nova fase da revista, tanto em aspectos administrativos quanto gráficos. Manoel Teixeira Leite deixa o cargo de redator, que é assumido por Carlos Madeira⁷. Nessa mesma época a RVC retoma a veiculação quinzenal, até 1948, e é novamente subscrita na primeira página de cada edição como “Revista Quinzenal Ilustrada”. Abaixo do lettering com o nome da revista e de sua subscrição, o texto do editorial assume formatos geométricos (geralmente exágonos e octógonos) e orgânicos variados, com frequente utilização de olhos no texto para citações ou mesmo imagens (PAIVA *et.al.*, 2011).

Agora acomodada em uma página de “formato b” (figura 4), a mancha gráfica passa a ter *grid* de três colunas, mantendo-se assim até 1933, quando retoma a utilização de duas colunas. Essa, dentre outras variações no início desta fase, configuram um período de instabilidade gráfica, provavelmente devido à adaptação do conteúdo ao novo formato. A partir de então,

os ornamentos tornam-se mais simplificados, com a adoção de círculos, retângulos e quadrados, além das ilustrações apresentarem imagens femininas e estilizadas. A frequência da páginas coloridas no miolo (monocromáticas ou em duas cores) aumenta. (PAIVA, *et al.* 2011, p.25)



Figura 9: À esquerda, página do editorial da edição 309 (1932). À direita, páginas da edição 378 (1934).

A partir da década de 1930, a fotografia ganha mais destaque nas capas, substituindo gradativamente as ilustrações coloridas e imaginativas. No miolo ela também se multiplica, passando a apresentar “formas mais orgânicas em seu recorte (muitas vezes seguindo a silhueta do retratado) inclusive com intervenções de ilustrações”, relacionando-se com o conteúdo textual de formas inventivas e inéditas. Essa tendência culmina, inclusive, em “fotografias inseridas dentro da tipografia desenhada em vinhetas de seções como a ‘Wonderbar’ e ‘Risos e Guisos’” (PAIVA *et. al.*, 2011, p. 26). A fotografia passa a ser um recurso substancial nessa nova fase, em que o cinema destaca-se como o grande referencial da

disseminação cultural norte-americana, originando uma seção de título auto-explicativo: “Cinema”.



Figura 10: Acima e à esquerda, as vinhetas “Risos e Guisos” e “Wonderbar” nas edições 318 (1932) e 342 (1933), respectivamente. À direita, página da edição 372 (1934).

As manifestações visuais presentes nas capas, com forte influência *art déco*, dos primeiros prédios altos, grandes navios, locomotivas e *zeppelins*, seguem a tendência estética nacional que as crescentes transformações políticas e sociais trouxeram durante a década de 1930. O crescimento industrial, em detrimento aos interesses agromercantis, vão “adquirindo primazia até assumir completa dominância no final dos anos de 1950 na economia brasileira”, alimentando o deslumbre pelo progresso (SILVA, 1995, p.125).



Figura 11: Capas das edições 331 (1932), 339 (1933) e 510 (1940), respectivamente.

A eleição de Getúlio Vargas como presidente em 1934 implicou na renovação do mandato do capitão Purano Bley na administração do estado. A RVC alcançava grande êxito passando a ser veiculada em agências de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Bahia. Na redação da revista, Carlos Madeira é substituído por Almeida Cousin⁸, o que em 1936 determina um novo padrão para a página que contém o editorial e expediente. A edição de nº 407, por exemplo, traz na primeira página do caderno de folhas acetinadas um cabeçalho simples, composto de poucos elementos (nome da revista, redatores e diretor), acompanhado

do texto editorial, que volta a ser diagramado de forma mais sóbria, anunciando uma tendência visual do impresso.

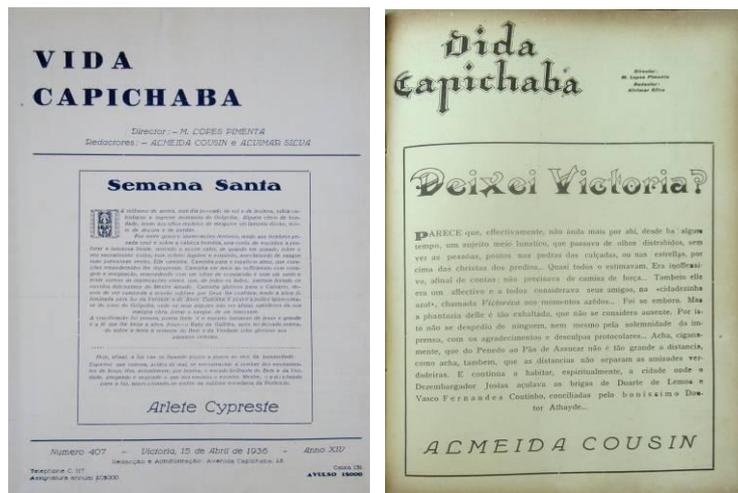


Figura 12: Editoriais das edições 407 (1936) e 509 (1940), respectivamente.

Em novembro de 1937 inicia-se a nova fase do governo getulista e, segundo o historiador Boris Fausto (1996), o Estado Novo instala ditatorialmente um alto nível de censura e repressão no país, intervindo nos meios de comunicação em massa através do DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda. Com efeito, a dificuldade em se obter papel e tinta importados, por exemplo, causa a queda de qualidade do impresso (relatada em nota na edição nº 503). A mão firme do Estado inferiu a circulação mais recorrente de capas de cunho patriótico e militar, especialmente em edições de datas comemorativas relacionadas à independência e ao trabalho.



Figura 13: Capas da edições 224 (1930), 227 (1930) e 274 (1931), respectivamente.

3ª Fase (1940-1954)

Entre 1938 e 1940⁹ a redação da RVC passa a operar na mesma avenida sob novo endereço. Almeida Cousin é substituído por Alvimar Silva na redação, permanecendo até 1943 (ano em que Pimenta assume também a direção da Imprensa Oficial). Grandes variações são aplicadas no comportamento gráfico do periódico, a começar pelo retorno ao formato da primeira fase (figura 4) e pela composição normatizada das capas: uma fotografia acompanhada do nome da revista composto por tipos móveis em tipografia serifada em

negrito, disposto horizontal ou verticalmente na página. Em contrapartida, no miolo percebe-se uma diagramação mais irregular, com “variação da bitola das colunas dentro de uma mesma edição, algo que raramente aconteceu em décadas anteriores” (PAIVA *et al.*, 2011, p.26).



Figura 14: Capas das edições 528 (1941), 533 (1941) e 701 (1950), respectivamente.

Durante a Segunda Guerra Mundial, poucas e superficiais reportagens relatavam as tragédias do conflito, constituindo uma temática de pouca ênfase, muitas vezes reduzida a legendas. Por outro lado, os efeitos do término do conflito interviram rigorosamente no quadro econômico e político do país, atingindo, conseqüentemente, a *revista*. Na esfera econômica ocorre, em novembro de 1942, a primeira mudança no padrão monetário do país. O cruzeiro, nova moeda brasileira, equivalia a mil réis e influenciou diretamente o preço da RVC, que chegou a variar ente C\$ 1,00 e C\$ 7,00. Essa e outras medidas direcionadas ao estancamento da crise não amenizaram o enfraquecimento do Estado Novo e nem impediram seu fim, em 1945, quando Vargas é deposto.

A redação da RVC sofre nova alteração logo após a deposição de Vargas, em 1946, quando José Luiz Holzmeister¹⁰ é nomeado redator-chefe. Em termos gráficos, observa-se que certas tendências em sua composição permanecem: as capas contem predominantemente fotografias monocromáticas, excluindo-se apenas as capas de carnaval que, esporadicamente, traziam ilustrações de casais de foliões (substituindo os tradicionais pierrô e colombina). A quantidade de fotografias aumenta substancialmente, à medida em que o número de poesias, *letterings* diferenciados, vinhetas, ilustrações e ornamentos diminuem progressivamente.

Já em 1949, ainda sendo Pimenta o diretor, a Academia Espírito-Santense de Letras assume a redação da RVC. Em 1951, tal função passa a ser desempenhada, sem identificação no expediente, por Eurípedes Queiroz do Valle, Guilherme Santos Neves, Eugênio Sette e Renato Pacheco. A decadência da *revista* começava a tomar forma, e “Procuravam [os redatores] criar capas bem cuidadas e novas secções [...] mas o material gráfico era tão pobre que todos os esforços foram baldados” (PACHECO, [s.d.], p. 357)

“Como mantenedor desta revista, os que lhe conhecem a luta neste setor, a fim de que a publicação não se interrompa, sabem que só mesmo a força de vontade consegue o milagre dessa resistência, que se transforma todo mês em realidade que é “*Vida Capichaba*” que, embora não seja hoje o que chegou a ser nos primeiros tempos de sua vida, continua realizando sua vocação de servidora do Espírito Santo,

de Vitória, em cujas páginas se espelham, um e outro, de modo preciso.” (RCV, nº 619, dezembro de 1951)

Em janeiro de 1951, ano em que Getúlio Vargas é novamente eleito presidente, a sequência dos números das edições sofre uma curiosa descontinuidade: a edição posterior a de número 706 recebe a numeração 608, retomando a contagem do ano de 1945, ano em que Vargas havia saído do poder devido ao fim do Estado Novo.

Em janeiro de 1952 as capas começam a passar por uma espécie de normatização, com fotografias maiores, geralmente com sangria, acompanhadas por uma barra horizontal de cor variante que continha uma espécie de logotipo para o nome da revista. Esse padrão se manteve até 1955, salvo poucas exceções.



Figura 15: Capas das edições 621 (1952), 622 (1952) e 634 (1953), respectivamente.

4ª Fase (1955-1957)

Janeiro de 1955 inaugura a última fase da RVC. Pimenta, aposentado e morando no Rio de Janeiro, não mais tinha condições de administrar “a obra de sua vida: vendeu-a e ela em dois anos se extinguiu.” (PACHECO, [s.d.], p.358). O novo diretor, César Vieira Bastos, e o redator-chefe Élcio Alvares, inauguraram o que foi chamado de *Nova Vida Capichaba*. “Muitos consideram que a revista acabou quando foi vendida por Pimenta em 1955, em razão de ter havido uma grande transformação editorial que se refletiu graficamente” (DUTRA *et al.*, 2011, p.8). A nova diretoria desejava transformar a RVC, novamente quinzenal, em veículo de teor noticioso e político. O “formato b” (figura 4) é retomado e em suas páginas praticamente não se vê mais as publicações literárias, artísticas ou semelhanças estéticas de fases antecedentes.

A revista sofre uma reformulação estética geral [...] os *letterings* das seções, as ilustrações e os ornamentos são cada vez mais raros. As fotografias voltam a ter recortes retangulares e a seguir a diagramação do texto e o alinhamento das colunas. (PAIVA *et al.*, 2011, p.27)

Sucessivas variações são percebidas a partir desse marco, especialmente nas capas. No miolo ainda figuravam algumas raras vinhetas, simplificadas e reduzidas. A variedade tipográfica dos anos iniciais já vinha diminuindo progressivamente e torna-se mais radical com a adoção de tipografia padrão (geralmente sem-serifa) para títulos e subtítulos.

... viam-se mudanças interessantes, como a do tamanho da letra de sua composição básica que até então era sempre corpo 9 e passou a ser corpo 10.[...] Podemos

observar que a capa mudou, a mancha gráfica passou a comportar até quatro colunas, sem dúvida, visualmente, uma clara e grande mudança. (DUTRA *et al.*, 2011, p.8)



Figura 16: Imagem de páginas da edição nº 736 diagramada em quatro colunas.



Figura 17: Capas da edições de nº734 (1955), nº741 (1956), nº751 (1957), respectivamente.

Em agosto de 1955, Vargas suicida-se e a contagem dos exemplares da revista retoma a numeração interrompida em janeiro de 1951 permitindo afirmar uma relação direta com a entrada e saída de Getúlio Vargas na presidência do país.

Em dezembro desse mesmo ano um curto-circuito ocorrido no edifício vizinho às instalações da redação ocasiona um incêndio, que sentencia as edições seguintes a um fim lento e cheio de reformulações. Na edição seguinte ao sinistro, Elcio Alvares e Cesar Vieira Bastos passam a dirigir a RVC, que volta a ser designada *Revista Vida Capichaba*, com J. C. Monjardim Cavalcanti chefiando a redação. Uma nova reformulação no corpo editorial ocorre em setembro do mesmo ano, ocasião em que Elcio Alvares deixa o cargo de diretor e Plínio Martins Marchini assume o cargo de redator nas edições de janeiro e fevereiro de 1957. Sem regularidade, a revista ainda sobrevive até 1958, quando sai de circulação.



Figura 18: Editoriais das edições 657 (1955), 737 (1956) e 751 (1957), respectivamente.

Conclusão

A análise gráfica dos exemplares da RVC, respaldada por revisões bibliográficas multidisciplinares, evidenciam o desenvolvimento de sua identidade gráfica durante sua história. Este desenvolvimento procedeu não apenas através das tecnologias e recursos gráficos disponíveis ou importados da época, mas também das atuações políticas e profissionais de seus colaboradores.

Vê-se, através deste estudo, como a ótica do design gráfico, quando aplicada a história, sociedade e ciências humanas, contribui de maneira a preservar a cultura e agregar formas inéditas de interpretação das esferas privada e pública no Espírito Santo. O resultado visa cooperar para a preservação da Memória Gráfica Brasileira com um modelo tipicamente capixaba.

Notas

1. BONFIM, G. **Morfologia dos objetos de uso: uma contribuição pra o desenvolvimento de uma teoria.** P&D design 96. Rio de Janeiro: Associação de Ensino de Design do Brasil, 1996. p.12.
2. CARDOSO, R. **Design, cultura material e o fetichismo dos objetos.** São Paulo: Arcos, 1998. p. 28.
3. Todas as informações e imagens da RVC foram retiradas dos exemplares encontrados no acervo da Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha, em Vitória.
4. Uma espécie de teatro popular originado na Itália no século XV.
5. Pouco se sabe sobre outros compositores que trabalharam na redação. No próprio expediente da revista esses nomes não são informados.
6. Manoel Teixeira Leite nasceu em Prado - BA. Aos 10 anos mudou-se para Vitória e após ser telegrafista por 15 anos, decidiu seguir a carreira de jornalista. Colaborador da RVC desde sua fundação escrevendo versos humorísticos e crônicas na seção Plumas e Farpas e dirigiu os jornais A Tribuna e A Gazeta. Foi um dos fundadores da Academia Espírito-Santense de Imprensa (ELTON, 1982, p.56)
7. Carlos Nicolleti Madeira nasceu em Vila Velha - ES, em abril de 1909, era romancista, contista, autor de trabalhos destinados à infância e membro da Academia Espírito-Santense de Letras.
8. Almeida Cousin nasceu em Sacramento - MG, em 1897. Formou-se em Farmácia e em Ciências jurídicas e sociais. Foi membro da Academia Espírito-Santense de Letras, do Pen Club do Brasil e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (ELTON, 1982).

9. Essa data é imprecisa já que no acervo analisado, os anos de 1944 e 1945 não estão disponíveis.

10. Holzmeister nasceu em agosto de 1914. Foi secretário por mais de 10 anos do jornal A tribuna e trabalhou também no jornal A Gazeta. (ELTON, 1982)

Bibliografia

DUTRA, T. L. FONSECA, L. P., PACHECO, H. S. A revista *Vida Capichaba* no seu contexto histórico. In: **Revista Tipo & Grafia**, Vitória: UFES, Centro de Artes, ano 1, n° 1, p. 4 - 8. 2011.

ELTON. E. **Poetas do Espírito Santo**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1982.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: Editora Edusp, 1996.

MOTA, M. B.; BRAICK, P. R. **História das cavernas ao terceiro milênio**. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

PACHECO, R. As publicações literárias (ou quase). In: **História da Literatura do Espírito Santo**. Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo, [s. d.]. P. 354 - 366

PAIVA, R. M., FONSECA, L. P., PACHECO, H. S. A revista *Vida Capichaba* e seus elementos gráficos. In: **Revista Tipo & Grafia**, Vitória: UFES, Centro de Artes, ano 1, n° 1, p. 24 - 27. 2011.

SILVA, M. Z. **Espírito Santo: estado, interesses e poder**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida / Secretaria de Produção e Difusão Cultural (UFES), 1995.

SOBRAL, J. C. J. Carlos, designer. In: **O design brasileiro antes do design**. CARDOSO, Rafael (org.). São Paulo: Cosac Naify, 2006. P. 124 - 159.

TONINI, J. *et. al.* Desenvolvimento da “ficha de coleta de dados” para análise gráfica da Revista *Vida Capichaba*. In: **P&D DESIGN 2010, 9**; 2010, São Paulo. Anais. São Paulo: Blucher, 2010.

VICENTINO, C.; DORINGO, G. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Editora Scipione, 2003.